

WILL

HAMLET

TERCEIRO ATO – CENA II

HAMLET

Dize as palavras, eu te peço, como eu as disse, com fluência e naturalidade. Se as declamares aos gritos, como fazem muitos dos teus atores, melhor seria que eu desse meu texto para que o pregoeiro público o apregoasse. Nem cortes o ar com a mão, assim. Sê moderado em tudo, porque no meio da torrente e da tempestade, e até mesmo no torvelinho da paixão, deves manter uma delicadeza que a torne elegante. Oh, fere-me a alma ouvir um sujeito com excesso de energia, e enfeitado com uma peruca enorme, despedaçar uma paixão até convertê-la em frangalhos, em farrapos, arrebatando os ouvidos da gentinha que em geral só é capaz de apreciar pantomimas sem sentido, e barulheira.

Gostaria de mandar açoitar esse sujeito pela interpretação exagerada do sarraceno Termagant, o vilão-mor. É ser mais herodiano do que Herodes! Por favor, evita esse defeito.

PRIMEIRO ATOR

Prometo a Vossa Alteza.

HAMLET

Também não sejas tímido demais, deixa o teu bom senso ser teu guia. Que o gesto corresponda à palavra e a palavra ao gesto, com o especial cuidado de não ultrapassar os limites de simplicidade da natureza. Porque tudo que vai contra essa simplicidade afasta-se do objetivo da arte dramática, cuja intenção, de suas origens até hoje, foi e é a de ser um espelho para a vida: mostrar à virtude suas próprias feições, ao vício sua própria imagem e a cada idade e geração, suas características e fisionomia. Portanto, qualquer exagero ou atraso na interpretação, por mais que faça rir os ignorantes, só pode desgostar os especialistas cuja censura, mesmo que se trate de um só homem, deve pesar mais do que a opinião de um teatro cheio de ignorantes. Oh, já vi atores representar e cuja interpretação foi entusiasticamente elogiada por outras pessoas – os quais não tinham dicção ou porte de cristãos, de pagãos, nem mesmo de homens. Pavoneavam-se e vociferavam tanto que eu pensei que alguns artifícios da natureza tinham trabalhado mal e criado abomináveis imitações da humanidade em vez de homens.

PRIMEIRO ATOR

Espero que tenhamos corrigido um pouco esse defeito, Alteza.

HAMLET

Oh, corrige-o completamente. E não permitas que os atores que representarem o papel de bufões digam mais do que lhes é atribuído, porque alguns começam a rir para estimular as risadas de certos espectadores imbecis, mesmo quando algum ponto essencial da peça exige a atenção da platéia. Esse comportamento é indigno e revela o baixo nível de ambição do ator que assim age. Ide preparar-vos.

SONETO CXXX

Os olhos da minha amada não brilham como o sol,
O coral é muito mais vermelho que seus lábios vermelhos
Se a neve é branca, seus seios são escuros
Se cabelos são fios de arame dourado, arames negros
nascem em sua cabeça
Já vi rosas adamescadas, vermelhas e brancas
Mas jamais vi tais rosas em suas faces
E em alguns perfumes há mais doçura
Do que no hálito que sai da sua boca.
Adoro ouvi-la falar e sei, no entanto,
Que há mais prazer no som de qualquer música
Verdade que nunca vi uma deusa andando,
Mas minha amada marca o solo quando anda
Entretanto, por Deus, pra mim ela é tão rara
Quanto qualquer mulher
Que a ela falsamente se compare.

ROMEU E JULIETA

SEGUNDO ATO – CENA 1

ROMEU

Ri das cicatrizes quem nunca foi ferido. (*Vê Julieta.*) Mas, silêncio! Que luz está nascendo naquela janela? A janela é o oriente e Julieta é o sol. Nasce belo sol, e mata a lua invejosa, doente, e pálida de desgosto ao ver que tu, sua vestal, és muito mais linda do que ela. Não a sirvas, já que é invejosa. O traje de suas vestais é de um verde doentio que só os bufões usam. Rejeita-o. É minha dama. Oh, é o meu amor! Oh, se ao menos ela soubesse! Ela fala e no entanto não diz nada. Mas que importa? Seus olhos falam; vou responder. Estou sendo presunçoso... Não está falando comigo. Duas das mais belas estrelas em todo o firmamento, ocupadas com outra coisa, pediram a seus olhos que brilhassem em seu lugar. O que aconteceria se os olhos dela estivessem no céu, e as estrelas na cabeça? O seu rosto resplandecente envergonharia as estrelas, como a luz do dia envergonha uma lâmpada. O brilho de seus olhos atravessaria as regiões etéreas e os pássaros começariam a cantar, pensando estar chegando o dia. Olha como ela apóia o rosto na mão. Oh, quisera ser uma luva naquela mão para poder tocar aquele rosto!

JULIETA

Ai de mim...

ROMEU

Está falando. Oh, fala mais uma vez, anjo luminoso. Esta

noite és uma presença lá no alto, tão gloriosa como um mensageiro celestial e alado que faz os mortais se inclinarem para trás enquanto, maravilhados, o contemplam navegando no ar, montado em nuvens.

JULIETA

Oh, Romeu, Romeu! Por que havias de ser Romeu? Renege teu pai e recusa teu nome. Ou, se não quiseses, jura somente que me amas e eu deixarei de ser Capuleto.

ROMEU (*à parte*)

Continua a ouvi-la ou devo falar agora?

JULIETA

Só o teu nome é meu inimigo. Tu és tu, sendo ou não Montequio. O que é Montequio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem qualquer outra parte de um homem. Oh, escolhe outro nome! O que significa um nome? O que chamamos de rosa teria o mesmo perfume se usássemos outra palavra. Também Romeu conservaria a mesma perfeição divina que possui se não se chamasse Romeu. Romeu, abandona o teu nome e, em troca desse nome que não é parte de ti, toma-me inteira.

ROMEU

Tomo-te (*como dizes*). Chama-me de “amor” simplesmente, e serei rebatizado. De agora em diante nunca mais serei Romeu.

JULIETA

Que homem és tu que, oculto pela noite, surpreendes assim o meu segredo?

ROMEU

Não sei como te dizer quem sou usando o um nome. De-testo o meu nome, anjo querido, porque ele é teu inimigo. Se o tivesse escrito eu o rasgaria.

JULIETA

Mus ouvidos não beberam sequer cem palavras dessa língua e, no entanto, reconheço o som. Não és Romeu, e um Montequio?

ROMEU

Nenhum dos dois, linda donzela, se te desagradam.

JULIETA

Como vieste e por que? Dize-me. Os muros do jardim são altos e difíceis de escalar e o lugar é fatal, considerando quem és, se algum dos meus parentes te encontrar aqui.

ROMEU

Com as asas leves do amor voei por cima desses muros, porque limites de pedra não são obstáculos para o amor. E o que o amor pode fazer o amor ousa tentar. Portanto, teus parentes não poderiam me deter.

JULIETA

Se te virem, te matarão.

ROMEU

Ah! Há mais perigo em teus olhos do que em vinte de suas espadas. Se aceitares o meu amor, ficarei imune ao ódio deles.

JULIETA

Não quero que te vejam aqui por nada deste mundo.

ROMEU

Tenho o manto da noite para me esconder dos olhos deles. E se não me amares, prefiro que me encontrem aqui. Antes morrer vítima do ódio de teus parentes do que morrer aos poucos sem o teu amor.

JULIETA

Quem te ajudou a descobrir a minha casa?

ROMEU

Amor, que me fez indaga. Ele me deu seus conselhos e eu lhe emprestei meus olhos. Não sou piloto, mas mesmo que estivesses tão longe quanto o vasto litoral banhado pelo oceano mais distante, eu arriscaria qualquer coisa por esse prêmio.

JULIETA

Bem sabes que a máscara da noite cobre o meu rosto, do contrário ficaria ruborizada pelo que me ouviste dizer esta noite. De bom grado me portaria de acordo com as convenções, de bom grado. De bom grado negaria o que disse, mas agora é tarde demais para isso. Tu me amas? Sei que vais dizer “Sim”, e eu acreditarei. No entanto se jurares poderás jurar em falso. Dizem que Júpiter, deus das promessas solenes, ri dos perjúrios

dos amantes. Oh, gentil Romeu, se amas dize-o sinceramente ou, se pensas que me deixei conquistar depressa demais, franzirei a testa, e serei perversa, e te direi “não”, para que me faças a corte. A verdade, belo Montequio, é que te amo demais, e por isso podes pensar que a minha conduta é leviana. Mas acredita em mim e provarei ser mais fiel do que as que sabem dissimular. Confesso que me mostraria mais reservada se não tivesse ouvido minha apaixonada declaração de amor sem que eu soubesse. Então perdoa, e não atribuas essa entrega, que a noite escura revelou dessa maneira, a um amor leviano.

ROMEU

Senhora, por essa abençoada lua que tinge de prata o alto destas árvores frutíferas, eu juro...

JULIETA

Oh, não jures pela lua, a lua inconstante que muda cada mês em sua órbita, para que teu amor não se mostre igualmente variável.

ROMEU

Por que devo jurar?

JULIETA

Não jures por nada. Ou, se quiseres, jura pela tua graciosa pessoa que é o deus da minha idolatria e acreditarei.

ROMEU

Se o profundo amor do meu peito...

JULIETA

Basta. Não jures. Embora seja a minha alegria, o encontro desta noite é imprudente, impensado, inesperado demais, muito semelhante ao relâmpago, que se extingue antes mesmo que se possa dizer “está relampejando”. Meu doce amor, boa noite. Este botão de amor, amadurecido pelo sopro do verão, talvez se tenha transformado numa bela flor quando nos encontrarmos de novo. Boa noite, boa noite. Que um repouso tão doce quanto o que trago em meu peito chegue ao teu coração.

ROMEU

Oh, vais deixar-me assim, tão insatisfeito?

JULIETA

Que satisfação podes ter essa noite?

ROMEU

A troca de teu fiel juramento de amor pelo meu.

JULIETA

Dei-te o meu antes que pedisses, mas queria tê-lo de volta para dar novamente...

ROMEU

Gostaria de tomá-lo de mim? Para que, amor?

JULIETA

Só para ser generosa e entregar-te outra vez. E, no entanto, desejo o que possuo. Minha generosidade é tão ilimitada quanto o mar, tão profundo quanto o mar é o meu amor. Quanto mais te dou, mais tenho, pois ambos são infinitos. (*A ama cha-*

ma de dentro.) Estou ouvindo um ruído lá dentro. *Adieu*, querido amor. *(Para dentro.)* Já vou, boa ama! *(Para Romeu.)* Doce Montequio, sê fiel. Fica mais um pouco, eu voltarei.

ROMEU

Oh, bendita, bendita noite! Sendo noite, temo que tudo isso não passe de um sonho, doce demais para ser real.

JULIETA

Só mais duas palavras, querido Romeu, e depois boa noite mesmo. Se as tuas intenções amorosas são honradas e o teu objetivo o matrimônio, envia amanhã, por intermédio de uma pessoa que te mandarei, uma palavra dizendo onde e a que horas queres que a cerimônia se realize. E colocarei meu destino a teus pés, e te seguirei, meu senhor, por todo o mundo.

AMA *(do interior)*

Senhora!

JULIETA

Já vou... Mas se tuas intenções não são boas, eu te suplico...

AMA

Senhora!

JULIETA

Estou indo... Que pares de me fazer a corte e me deixes com a minha tristeza. Amanhã enviarei alguém.

ROMEU

Pela salvação da minha alma...

JULIETA

Mil vezes boa noite! *(entra)*

ROMEU

Mil vezes pior fica a noite sem a tua luz! O amor corre para o amor como escolares liberados dos estudos, mas o amor se afasta do amor como crianças que se dirigem para a escola, desanimados e tristes. *(Retira-se lentamente. Reaparece Julieta.)*

JULIETA

Escuta, Romeu, escuta! Oh, quem me dera ter a voz do falcão para chamar de volta esse nobre falcão. A escravidão é rouca e não pode falar alto, senão eu arrebentaria a gruta onde o Eco dorme e faria sua voz aérea mais rouca do que a minha de tanto repetir “Romeu”!

ROMEU

É minha alma que me chama pelo nome. Quão cristalina soam as vozes dos amantes no meio da noite, como a música mais suave aos ouvidos atentos.

JULIETA

Romeu!

ROMEU

Senhora?

JULIETA

A que horas devo enviar o mensageiro?

ROMEU

À nona hora.

JULIETA

Não faltarei. Terei de esperar vinte anos até lá. Esqueci porque te chamei de volta.

ROMEU

Deixa-me ficar aqui até que te lembres.

JULIETA

Então, lembrando o quanto a tua companhia me é querida, esquecerei de novo, para que fiques.

ROMEU

E eu permanecerei aqui para que te esqueças novamente, esquecendo-me de qualquer outro lugar.

JULIETA

É quase dia. Quisera que partisses, mas que não fosse mais longe do que o pássaro de estimação que uma coquete solta um pouco, deixando que pule de sua mão como um pobre prisioneiro em seus grilhões, para logo, amorosamente ciumenta de sua liberdade, puxá-lo de volta com um fio de seda.

ROMEU

Quisera ser teu pássaro.

JULIETA

Eu também quisera, meu amor, mas te mataria por excesso de carinho. Boa noite, boa noite. A despedida é uma dor tão doce que direi “boa noite” até o amanhecer o dia.

ROMEU

Que o sono desça sobre teus olhos e a paz esteja em teu coração. Quisera eu ser sono e paz, e repousar tão docemente. (*Julieta entra.*) Daqui irei à cela de meu pai espiritual para implorar a sua ajuda e dizer-lhe da minha felicidade.

RICARDO III

PRIMEIRO ATO – CENA 1 (PRÓLOGO)

RICARDO

Agora, o inverno de nossos conflitos transforma-se em glorioso verão sob este sol que brilha sobre York, e todas as nuvens que pesavam sobre nossa casa jazem sepultadas no seio profundo do oceano. Agora, os louros da vitória enfeitam nossas cabeças; penduradas nas paredes, nossas armaduras amassadas viram monumentos, vozes antes severas trocam alegres saudações, e marchas penosas tornam-se graciosas danças. A face sinistra da guerra apagou as próprias rugas e agora, em vez de montar corcéis blindados para aterrorizar os ferozes adversários, meu irmão rodopia ágil nos aposentos de uma dama, ao som lascivo de um alaúde. Mas eu, que não fui talhado para os jogos amorosos nem para namorar espelho, eu, que fui fei-

to sem cuidado e que não tenho os necessários atributos para pavonear-me diante de alguma donzela frívola e fútil, eu, que fui despojado de harmonia física, roubado pela natureza injusta de qualquer beleza, disforme, inacabado, eu, que cheguei a este mundo dos vivos antes do tempo, feito pela metade, e esta metade tão grotesca e coxa que os cães ladram quando passo, eu, nestes deliciosos tempos de paz não tenho prazeres que me distraiam, exceto o de espiar minha própria sombra e cantarolar a canção da minha própria deformidade: e portanto, já que não posso fazer o papel de amante para divertir-me nestes dias tão graciosos, estou decidido a fazer o papel de vilão e odiar os prazeres ociosos do momento.

CENA II – PRIMEIRO ATO

ANA

No chão, colocai no chão vosso honroso fardo (se é que a honra pode ser amortalhada num féretro) enquanto por um momento presto minhas homenagens e lamento a queda prematura do virtuoso Lancaster...

Pobre imagem gelada de um santo rei!

Pálidas cinzas da casa de Lancaster! Restos exangues desse sangue real!

Seja-me permitido invocar teu espírito, para que ouça os lamentos desta pobre Ana, esposa de Eduardo, teu filho assassinado, apunhalado pela mesma mão que te acusou estas feridas.

Olha, nessas janelas pelas quais tua vida se esvaiu, deramo o bálsamo inútil dos meus próprios olhos... Oh, maldita seja a mão que abriu em ti esses orifícios fatais! Maldito o co-

ração que foi capaz de fazê-lo. Maldito o sangue que derramou teu sangue!

Caíam sobre o miserável que com tua morte causou nossa miséria, as mais terríveis desgraças que posso desejar a serpentes, aranhas, sapos ou a qualquer criatura repelente e venenosa. Se jamais tiver um filho, que seja abortivo, monstruoso, vindo à luz antes do tempo, cujo aspecto horrendo e anormal aterrorize a própria mãe esperançosa: e seja este filho o herdeiro da sua desgraça. Se jamais tiver esposa, seja ela pela morte dele reduzida a desgraça maior do que a minha diante da morte do meu jovem senhor e da tua!

Vinde agora a Chertsey com vosso fardo sagrado, tirado da catedral de São Paulo para ser enterrado lá. E à medida que vos sintais fatigados, descansa, enquanto me lamento sobre o cadáver do rei Henrique.

RICARDO

Parai, vós que carregais o cadáver, e colocai-o no chão.

ANA

Que mago infernal conjurou este demônio para interromper obras piedosas?

RICARDO

Bandidos, colocai no chão o cadáver ou, por São Paulo, farei um cadáver daquele que me desobedecer.

CAVALHEIRO

Meu senhor, recuai e deixai passar o caixão.

RICARDO

Cão impertinente! Para quando eu ordeno.

Afasta tua lança do meu peito ou, por São Paulo, te derrubarei e te pisarei pelo teu atrevimento, mendigo.

ANA

Como? Tremeis? Tendes, todos, medo dele? Ai, eu não vos culpo pois sois mortais e olhos mortais não podem suportar a visão do demônio... Fora daqui, repugnante ministro do inferno! Tinhas poder sobre o seu corpo mortal, mas não o tem sobre a sua alma. Portanto, vai embora.

RICARDO

Doce anjo, por caridade, não me insultes assim.

ANA

Demônio horrendo, em nome de Deus, vai-te e deixa-nos em paz. Desta terra feliz fizeste o teu inferno, enchendo-a de imprecações e gritos de maldição. Se sentes prazer em contemplar tuas obras odiosas, contempla este exemplo de tuas carnificinas...

Oh, cavalheiros, olhai, olhai! As feridas do rei abrem suas bocas congeladas e sangram novamente! Envergonha-te, envergonha-te, montão de deformidades. É tua presença que faz correr o sangue dessas veias frias, vazias, onde nenhum sangue resta. Tua ação desumana e antinatural está provocando este dilúvio tão antinatural... Ó Deus, que fizeste esse sangue, vingá-lhe a morte! Ó terra, que bebe esse sangue, vingá-lhe a morte! Céus, destruí o assassino com vossos raios; ou então terra, escancara tua boca e devora-o tão depressa quanto engo-

les o sangue desse bom rei que seu braço guiado pelo inferno trucidou.

RICARDO

Senhora, ignoras as leis da caridade que exigem devolver o bem pelo mal e bendizer os que nos amaldiçoam.

ANA

Vilão, ignoras todas as leis de Deus e dos homens. O animal mais feroz é capaz de sentir piedade.

RICARDO

Não sinto nenhuma, logo não sou animal.

ANA

Oh, que maravilha quando demônios dizem a verdade!

RICARDO

Mais maravilhoso é quando os anjos ficam irados. Permite, divina perfeição de mulher, que me justifique diante desses supostos crimes.

ANA

Permite, monstro infecto em forma de homem, que eu amaldiçoe o teu maldito ser.

RICARDO

Mulher mais formosa do que é possível exprimir em palavras, “concede-me” alguns momentos para que me desculpe.

ANA

Criatura mais torpe do que o coração pode crer, só pode desculpar-te enforcando-te.

RICARDO

Com esse gesto de desespero eu estaria me acusando.

ANA

E esse desespero, justa vingança praticada por ti mesmo pela injusta carnificina que praticaste contra outros, seria o teu perdão.

RICARDO

E se não fosse eu o assassino?

ANA

Seria o mesmo que dizer que eles não foram assassinados. Mas foram, e por tua mão, desgraçado.

RICARDO

Não matei vosso esposo.

ANA

Ah, então ele está vivo.

RICARDO

Não, está morto. E foi meu irmão Eduardo quem o matou.

ANA

Mentes por tua boca imunda. A rainha Margarida viu teu

gládio assassino fumegando com o sangue dele. A mesma arma que levantaste também contra ela, mas cuja ponta teus irmãos desviaram.

RICARDO

Fui provocado por sua língua caluniosa que atirava os crimes dos outros sobre meus ombros inocentes.

ANA

Foste provocado por tua mente sanguinária que só sabe sonhar com carnificinas. Não mataste este rei?

RICARDO

Concordo.

ANA

Concordas, porco-espinho? Então Deus também concorda que sejas condenado pela tua maldade. Oh, ele era gentil, manso e virtuoso.

RICARDO

Tanto mais digno do Rei dos Céus que o tem agora.

ANA

Ele está no céu, onde nunca chegarás.

RICARDO

Deixa que ele me agradeça o favor que lhe prestei enviando-o para lá. Nascera para o céu, não para a terra.

ANA

E tu só nasceste para o inferno.

RICARDO

Não, para outro lugar, se permitirdes que o diga.

ANA

Alguma masmorra.

RICARDO

Para o vosso leito.

ANA

Que a insônia esteja sempre no quarto onde repousares!

RICARDO

Assim será, senhora, até que me deite convosco.

ANA

Espero que sim.

RICARDO

Eu sei que sim... Mas, gentil Lady Ana, interrompo este acirrado duelo de nossas inteligências para discutir de maneira mais calma, não será a causa das mortes prematuras desses plantagenetas, Henrique e Eduardo, tão censurável quanto seu executor?

ANA

Tu foste a acusa e o efeito maldito.

RICARDO

Vossa beleza foi a causa desse efeito. Vossa beleza que me incitou, enquanto eu dormia, a matar se preciso toda a humanidade para viver uma hora que fosse em vossos braços.

ANA

Se eu acreditasse nisso, homicida, juro que arrancaria de meu rosto, com as unhas, essa beleza de que me falas.

RICARDO

Jamais suportariam meus olhos assistir à destruição dessa beleza. Não vos seria possível atacá-la em minha presença. Assim como o mundo inteiro é iluminado pelo sol, assim me ilumina a vossa formosura. É o meu dia, a minha vida.

ANA

Que uma noite negra obscureça o teu dia e a morte a tua vida!

RICARDO

Não blasfemes contra ti mesma, bela criatura.
És meu dia e minha vida.

ANA

Quisera ser, para vingar-me de ti.

RICARDO

É uma querela injusta, vingar-te de quem te ama.

ANA

É uma querela justa e compreensível, vingar-me de quem matou meu marido.

RICARDO

Quem te privou de teu esposo, senhora, só o fez para ajudar-te a encontrar outro melhor.

ANA

Outro melhor não respira sobre a terra.

RICARDO

Vive alguém cujo amor é maior do que o dele.

ANA

E se chama?

RICARDO

Plantageneta.

ANA

Mas então era o meu marido.

RICARDO

Tem o mesmo nome que ele, mas é melhor.

ANA

Onde está?

RICARDO

Aqui. (*Ana cospe nele.*) Por que cuspiaste em mim?

ANA

Quem dera que meu cuspe fosse veneno para ti!

RICARDO

Jamais sairia veneno de lugar tão doce.

ANA

Jamais cairia em sapo mais imundo. Fora da minha vista! Infeccionas meus olhos.

RICARDO

Teus olhos, doce senhora, infeccionaram os meus.

ANA

Quisera que meus olhos fossem dragões para que te matassem!

RICARDO

Eu também quisera que fossem e que me matassem de uma vez, pois matam meu coração enquanto continuo vivo. Estes teus olhos fizeram brotar dos meus muitas lágrimas amargas, e meus olhos, rasos d'água como os de uma criança, envergonham a minha virilidade. Estes meus olhos que nunca verteram uma lágrima de piedade, nem quando meu pai, York, e Eduardo, meu irmão, choraram ao ouvir os gritos lancinantes de Ruttand atravessado pela espada do sinistro Clifford. Nem mesmo, quando teu valoroso pai narrava, como uma criança, a

triste história da morte do meu pai, e interrompia vinte vezes a narrativa para gemer e soluçar até que todos os presentes ficassem com as faces molhadas como árvores encharcadas de chuva. Naqueles tristes tempos meus olhos varonis desdenhavam as lágrimas. E o que não conseguiu esses pesares, tua beleza conseguiu – e meus olhos estão cegos de tanto chorar. Jamais suplique a amigo ou inimigo. Minha língua jamais aprendeu doces palavras de persuasão. Mas agora que tua beleza é o preço de tudo, meu orgulhoso coração suplica e obriga minha língua a falar (*Ana o contempla com desprezo*). Não ensines tanto desdém aos teus lábios, senhora, pois foram feitos para beijar e não para tamanho desprezo. Se teu coração vingativo não pode perdoar-me, olha, aqui tens esta espada de ponta aguda. Se quiseres afundá-la em meu sincero coração e fazer sair a alma que te adora, ofereço meu peito nu ao golpe mortal e humildemente te peço de joelhos que me mates. Não, não hesites. Matei o rei Henrique... Mas foi tua beleza que me provocou. Vamos, decide logo. Fui eu que apunhalei teu jovem marido... Mas teu rosto angelical guiou minha mão. Levanta novamente a espada ou levanta-me a mim.

ANA

De pé, hipócrita. Quero-te morto, mas não serei teu carasco.

RICARDO

Ordena-me que me mate e te obedecerei.

ANA

Isso eu já fiz.

RICARDO

Em um momento de cólera. Repete a ordem e imediatamente esta mão, que por amor matou o teu amor, matará por teu amor um amor bem mais sincero. Serás cúmplice da morte de ambos.

ANA

Quisera conhecer teu coração.

RICARDO

Está representado em minha língua.

ANA

Temo que ambos sejam falsos.

RICARDO

Então, nunca existiu um homem sincero.

ANA

Bem, guarda tua espada.

RICARDO

Fizemos as pazes?

ANA

Isso saberás mais tarde.

RICARDO

Mas posso ter esperança?

ANA

Todos os homens, espero, vivem de esperança.

RICARDO

Permita que te dê este anel.

ANA

Receber não é conceder.

RICARDO

Olha como esse anel circunda teu dedo. Da mesma forma teu seio circunda meu pobre coração. Usa ambos porque ambos te pertencem. E se este teu pobre, devotado servo pode solicitar um favor, terás confirmado sua felicidade para sempre.

ANA

Que favor?

RICARDO

Que tendes por bem deixar esses serviços fúnebres a cargo de quem tem mais razão para estar de luto, e que vos encaminheis a Crosby Place. Lá, depois de ter sepultado solenemente este nobre rei no mosteiro de Chertsey, e de ter regado o túmulo com lágrimas de arrependimento, irei oferecer-vos meus respeitos. Por várias razões que ignorais, eu vos suplico que me concedais esta esperança.

ANA

De todo o coração. Um coração que se alegra por ver-vos tão arrependido. Tressel e Berckley, acompanhai-me!

RICARDO

Dizei-me adeus.

ANA

É mais do que mereceis. Mas, uma vez que me ensinai como vos agradar, imaginai que já vos disse adeus. (*Saem Ana, Tressel e Berkley.*)

RICARDO

Senhores, levantai o ataúde.

CAVALHEIRO

Em direção a Chertsey, senhor?

RICARDO Não, em direção a White Friars. Lá chegando, esperai por mim. (*Saem todos.*) Terá qualquer outra mulher cortejada dessa maneira? Terá qualquer outra mulher nessa situação conquistada? Eu a possuirei, mas não a conservarei por muito tempo. Qual! Eu, que matei seu marido e o pai do seu marido, consegui ganhá-la em seu momento de ódio mais implacável, com maldições na boca, lágrimas nos olhos e na presença da testemunha ensanguentada de seu rancor, tendo deus, sua consciência e todos esses obstáculos contra mim. E eu, sem ninguém que apoiasse minha causa, a não ser o demônio sem disfarces e olhares disfarçados, ainda assim a conquistei... O mundo inteiro contra nada. Ah! terá ela esquecido tão depressa aquele bravo príncipe, Eduardo, seu senhor, que eu há uns três meses apunhalei furiosamente em Tewksbury? O vasto mundo nunca mais conhecerá um gentil homem tão bondoso e sedutor como ele; moldado por uma natureza pró-

diga, ele era jovem, valoroso, prudente e digno, não há dúvida da realeza. E no entanto consentirá ela em pousar seus olhos sobre mim, que ceifei a dourada primavera daquele amável príncipe, tornando-a viúva de um leito amargo? Em mim, cujo todo não iguala a metade de Eduardo? Em mim, que sou assim manco e disforme? Apostaria meu ducado contra a moeda de um mendigo como até agora me enganei ao julgar a mim mesmo. Por minha vida, ela me considera, embora eu não me considere, um homem maravilhosamente encantador. Vou encomendar um espelho e contratar vinte ou quarenta alfaiates para estudar as modas que hão de adornar meu corpo. Visto que subi no meu próprio conceito, gastarei um pouco para manter esta nova posição. Mas, antes, levarei esse sujeito à tumba para depois chorá-lo diante do meu amor... Brilha, belo sol. Até que tenha comprado um espelho, contemplarei minha sombra enquanto ando.

SONETO CXXI

Melhor ser vil do que ser considerado vil
Quando não se merece a condenação de sê-lo
Sem gozar o prazer inerente julgado vil
Não pelo nosso sentimento
Mas pelo que os outros veem

Por que haveria os olhos adúlteros dos outros
Dar atenção à minha volúpia?
Ou por que seriam as minhas fragilidades
Vigiadas por espiões ainda mais frágeis

Que consideram mal em si mesmos
O que eu considero bom?

Não, eu sou o que sou
E aqueles que criticam minhas faltas
Baseiam-se em suas próprias faltas
Eu posso ser correto
Embora eles próprios sejam desonestos

Meus atos não podem ser revelados
Por seus pensamentos corruptos
A menos que sustentem o princípio
De que todos os homens são maus
E na maldade reinam

JÚLIO CÉSAR

SEGUNDO ATO – CENA I

PÓRCIA
Brutus, meu senhor!

BRUTUS
Pórcia, o que quer dizer isto? Por que estais acordada a esta hora? Não é bom para a vossa saúde expor assim o vosso frágil organismo ao frio da madrugada.

PÓRCIA
Nem para a vossa tampouco. Escapulistes indelicadamen-

te do meu leito, Brutus. E ontem à noite, durante a ceia, vós vos levantastes de repente e, com os braços cruzados, andastes de um lado para o outro, meditando e suspirando, e quando vos perguntei o que estava acontecendo vós me fixastes com olhos severos. Continuei perguntando, então coçastes a cabeça e, muito impaciente, batestes com o pé no chão. Insisti novamente, mas ainda assim não me respondestes. Num gesto de cólera vós me fizestes um sinal com a mão para que vos deixasse. Deixei-vos então, temendo aumentar a vossa impaciência que parecia por demais acesa, e esperando, ainda, que se tratasse de um capricho passageiro a que estão sujeitos todos os homens. Mas este humor que está s não vos permite comer, falar ou dormir. Se pudesse transformar o vosso aspecto físico tanto quanto tem transformado o vosso temperamento, eu não vos reconheceria, Brutus. Meu querido senhor, disse-me qual a causa do vosso pesar.

BRUTUS

Não estou bem de saúde, só isso.

PÓRCIA

Brutus é prudente, e se não estivesse gozando de boa saúde estaria seguindo algum tratamento.

BRUTUS

Mas é isso que estou fazendo... Boa Pórcia, voltaí para a cama.

PÓRCIA

Brutus está doente? E é saudável sair quase sem roupa e

aspirar a umidade da madrugada? Como, Brutus está doente e deixa o leito confortável para desafiar o pernicioso contágio da noite, e o ar frio, impuro, para ficar mais doente? Não, meu Brutus. O mal que vos aflige está em vossa mente. Pelos direitos e privilégios da minha posição, eu deveria saber do que se trata. E de joelhos eu vos lanço um encantamento em forma de súplica: em nome da minha beleza muito elogiada no passado, em nome de todas as vossas juras de amor e daquele grande juramento que nos ligou e fez-nos uma só pessoa, revelai a mim, parte de vós mesmo, vossa metade, por que estais tão preocupado e que homens são esses que vieram procurar-vos esta noite. Eram seis ou sete e escondiam os rostos das próprias trevas.

BRUTUS

Não vos ajoelheis, gentil Pórcia.

PÓRCIA

Não precisaria fazê-lo, se ainda fôsseis o gentil Brutus. Disse-me, Brutus, existe alguma cláusula em nosso contrato de casamento que me proíba conhecer os segredos que vos pertencem? Serei eu parte de vós mesmo, mas só até certo ponto – para partilhar vossas refeições, esquentar vosso leito e conversar convosco de vez em quando? Habitarei eu somente os subúrbios da vossa condescendência? Se isso é tudo a que tenho direito, Pórcia é a concubina de Brutus, não sua esposa.

BRUTUS

Sois minha fiel e honrada esposa, tão preciosa para mim quanto as rubras gotas de sangue que afluem do meu triste coração.

PÓRCIA

Se isso fosse verdade eu conheceria o vosso segredo. Admito ser uma mulher, contudo sou a mulher que Brutus escolheu para esposa. Admito ser uma mulher, contudo sou uma mulher de boa reputação – filha de Catão. Pensai que sou tão fraca quanto o meu sexo, tendo tal pai e tal esposo? Confiai-me os vossos projetos, eu não os divulgarei. Como prova de minha constância, feri-me voluntariamente aqui na coxa. Posso suportar isso com paciência, mas não os segredos do meu marido?

BRUTUS

Oh, Deuses, tornai-me digno desta nobre esposa! (*Batem no interior.*) Escutai! Escutai! Estão batendo. Pórcia, entrai um instante e dentro em breve vosso peito partilhará os segredos do meu coração. Conheceis todos os meus planos, todas as palavras escritas em minha triste frente. Deixai-me depressa. (*Sai Pórcia.*) Quem está batendo, Lúcio?

SONETO CXXXVI

Se incomoda à tua alma em estar tão perto de ti
Diz à tua alma teimosa que eu sou o teu desejo
A alma sabe que a vontade é um atributo dela
Portanto, acolhe por amor o meu pedido, amor
E Will ocupará o cofre dos teus tesouros
Enchendo-o de desejos e do meu desejo único
Entre muitos, um só quase não conta
Deixa-me então passar entre todos sem ser visto
Embora no total eu deva ser contado

Então pensa em mim como se não fosse nada
Contando que te agrade acolher esse nada que sou eu
E que será alguma coisa muito doce para ti
Ama apenas o meu nome, e ama esse desejo para sempre
E assim me amarás, porque meu nome é Will.

MACBETH

PRIMEIRO ATO – CENA III FEITICEIRAS

BRUXA 3

“O tambor! O tambor! Macbeth vem aí.”

TODAS

“As irmãs do destino, de mãos dadas viajam pela terra e pelo mar

Girando e girando sem parar.

Três para o teu lado, e três para mim

E mais três para completar... Assim.

Silêncio! A praga foi lançada.

(*Entra Macbeth*)

BRUXA 1

“Salve Macbeth!

Salve Thane!”

BRUXA 2

“Salve Macbeth!

Salve Thane!”

BRUXA 3

“Salve Macbeth
que será rei!”

PRIMEIRO ATO – CENA VII

MACBETH

Se estivesse feito quando se faz, melhor seria agir rapidamente. Se o assassinato pudesse criar obstáculos para as conseqüências, e ao mesmo tempo garantir o sucesso, se o golpe fosse tudo e o fim de tudo aqui, sobre este efêmero banco de areia do tempo, arriscaríamos a vida futura. Mas em situação como esta somos julgados ainda nesta vida, porque as nossas lições sangrentas, depois de aprendidas, voltam-se para o inventor para atormentá-lo. A justiça, em sua imparcialidade, oferece a nossos próprios lábios o cálice que envenenamos. O rei confia em mim por duas razões. Primeiro, porque sou parente e súdito, dois fortes argumentos contra o crime. Depois, porque sou seu anfitrião e deveria, portanto, barrar a porta ao assassino, em vez de segurar eu mesmo o punhal. Além disso, Duncan tem usado o poder tão mansamente, tem sido tão puro em suas funções, que suas virtudes clamarão como a voz dos anjos, como trombetas celestes, contra o crime maldito. E a piedade, semelhante a um bebê recém-nascido carregado pelo clamor das trombetas, ou a um querubim montado nos mensageiros invisíveis do ar, sofrerá o ato horrendo nos olhos de todos até que as lágrimas dos homens afoguem o vento. Não tenho esporas que arranque os flancos dos meus desejos, a não

ser ambição desmedida que salta mais longe do que pode, além do alvo, e cai do outro... (*Entra Lady Macbeth.*)

LADY MACBETH

Já quase acabou de cear. Porque abandonaste a sala?

MACBETH

Ele perguntou por mim?

LADY MACBETH

Então não sabes que perguntou?

MACBETH

Não prosseguiremos com o plano. Ele me tem honrado ultimamente e eu tenho recebido de pessoas de todas as classes expressões de estima que, como trajes novos, devem ser usadas enquanto brilham, em vez de jogadas fora.

LADY MACBETH

Então a esperança que te cobria antes estava bêbada? Ou esteve dormindo e está acordando agora, pálida, esverdeada de susto ao encarar a decisão que tomaste tão livremente? De agora em diante duvidarei também das tuas juras de amor. Tens medo de ser em teus atos o mesmo que és em teus desejos? Preferes guardar a estima das pessoas e viver como um covarde diante de ti mesmo, deixando um “Não me atrevo” seguir atrás de um “eu gostaria”, como o gato que não pegava o peixe com medo de molhar as patas?

MACBETH

Silêncio, te peço. Atrevo-me a tudo que é digno de um homem. Quem se atreve a mais que isso não é homem.

LADY MACBETH

Qual foi então o animal que fez com que me sugerisses o assassinato? Quando o sugeriste foste homem, e mais do que homem serias se a mais te atrevesse. Naquele momento nem o lugar nem a ocasião eram propícios, e apesar disso tu querias criar um e outra. Agora que eles se criaram a si mesmos esta oportunidade te abate. Eu já amamenteei e conheço a ternura de amar o bebê que mama: mas eu seria capaz de arrancar meu seio da boquinha desdentada e sorridente, e esmagar o crânio de um filho meu se tivesse jurado que o faria. Como juraste matar Duncan.

MACBETH

E se falharmos?

LADY MACBETH

Falhamos! Mas concentra a tua coragem no lugar da punhalada e não falharemos. Quando Duncan estiver dormindo - e depois de uma jornada tão cansativa dormirá profundamente - tratarei de embriagar seus guardas até que a memória, essa sentinela do cérebro, não seja mais que fumaça, e até o raciocínio de tão encolhido caiba dentro de um dedal. Quando estiverem dormindo como porcos encharcados de álcool, mortos para o mundo, o que não poderemos nós fazer contra o desprotegido Duncan? E do que não poderemos culpar seus guarda-costas? Quem será acusado do crime?

MACBETH

Só deves dar à luz filhos homens; tua fibra indomável deveria conceber somente machos. Depois de termos lambuzados os dois de sangue, e de termos usado os seus punhais, quem não pensará que foram eles os assassinos?

LADY MACBETH

Quem se atreverá a pensar outra coisa quando nós estaremos urrando de dor pela morte do rei?

MACBETH

Estou decidido, e dobro cada parte do meu corpo sobre si mesma, preparando-me para o ato horrendo. Vamos, e enganemos o mundo com um rosto sereno: o rosto insincero ocultará o que se esconde no insincero coração.

QUARTO ATO – CENA I FEITICEIRAS

BRUXA 1

“Três vezes o gato listado miou”.

BRUXA 2

“Três vezes e mais uma o ouriço ganiu”.

BRUXA 3

“E a harpia grita: está na hora, a hora chegou”.

BRUXA 1

“Em volta do caldeirão andamos

E em suas entranhas jogamos
Um sapo que enquanto dormia
Debaixo da pedra fria
Fabricou o seu veneno.
Começamos com isso
O nosso feitiço”.

TODAS

“Dobra, redobra a força da poção.
Queima fogo. Ferve caldeirão”.

BRUXA 2

“Filé de cobra, dedo de rã,
Olho de salamandra, pêlo de morcego.
Da serpente a frieza, da lacraia o ferrão
Pé de lagarto, asa de coruja, língua de cão.
Para um feitiço poderoso
Como a sopa do tihoso”.

TODAS

“Dobra, redobra a força da poção.
Queima fogo. Ferve caldeirão”.

BRUXA 3

Escama de dragão, dente de lobo,
Pó de múmia, estômago de tubarão.
Raiz peçonhenta desenterrada na escuridão.
Fel de bode,
Fígado de judeu herege.
Lascas de madeira crua

Cortadas no eclipse da lua.
Nariz de turco e lábios de tártaro.
Mais o dedo de um bebê recém-nascido
Sufocado pela própria mãe quando parido.
Faz a mistura ficar grossa e potente
Com as vísceras de um tigre
Como ingrediente.

TODAS

“Dobra, redobra a força da poção.
Queima fogo. Ferve caldeirão”.

SEGUNDO ATO – CENA II

LADY MACBETH

O que os embebedou deu-me audácia. O que os apagou
acendeu uma chama dentro de mim. Atenção! Não, está tudo
quieto. Foi só a coruja que lançou seu grito fúnebre, o último
“boa-noite”. Deve ainda estar ocupado. As portas estão abertas
e os irresponsáveis guarda-costas roncam. Misturei na bebida
uma droga tão forte que, neste momento, a vida e a morte lu-
tam por ele!

MACBETH

(Do interior.) Quem está aí? O quê? Oh!

LADY MACBETH

Ai de mim! Estou com medo que tenham acordado, nada
tendo sido feito. O atentado, e não o ato, seria nossa perdição.
Ai! Deixei os punhais preparados de modo que ele não pudesse

deixar de vê-los. Eu mesma teria dado o golpe se o rei adormecido não se parecesse tanto com meu pai... Meu marido!

MACBETH

Fiz o que era preciso... Não ouviste um barulho?

LADY MACBETH

Ouvi o pio da coruja e o canto dos grilos. Não falaste?

MACBETH

Quando?

LADY MACBETH

Agora.

MACBETH

Quando descia?

LADY MACBETH

Sim.

MACBETH

Ai de mim! Quem está dormindo no segundo quarto?

LADY MACBETH

Donalbain.

MACBETH

(*Contemplando as mãos.*) Que triste visão!

LADY MACBETH

Dizer que é uma triste visão é tolice.

MACBETH

Um deles riu enquanto dormia, e o outro gritou “assassino”. Os dois acordaram. Fiquei escutando, mas rezaram e se prepararam para dormir novamente.

LADY MACBRETH

Estão dormindo no mesmo quarto.

MACBETH

Um gritou: “Deus me abençoe” e o outro “Amém”, como se me tivessem visto com estas mãos de carrasco... Ouvindo o seu terror assim expresso, não pude dizer “Amém” quando eles disseram “Deus nos abençoe”.

LADY MACBETH

Não penses tanto nisso.

MACBETH

Mas por que não pude dizer “Amém”? Eu, que precisava tanto ser abençoado, fiquei com o “Amém” preso na garganta.

LADY MACBETH

Não devemos ficar pensando nisso ou acabaremos loucos.

MACBETH

Acho que ouvi uma voz gritar “Nunca mais dormirás! Macbeth assassinou o sono”... O sono inocente que desembaraça

e tece a meada das preocupações, que é a morte de cada dia, o banho reparador depois do trabalho penoso, o bálsamo das mentes doloridas, o prato principal oferecido pela natureza, o mais importante alimento no festim da vida.

LADY MACBETH

Que queres dizer?

MACBETH

E a voz continuava gritando para toda a casa “Nunca mais dormirás. Glamis assassinou o sono e, portanto, Cawdor nunca mais dormirá, Macbeth nunca mais dormirá”!

LADY MACBETH

Quem foi que gritou assim? Ah digno barão! Com esses pensamentos doentios afrouxas tua nobre coragem. Vai buscar água e lava de tuas mãos essa testemunha imunda... Por que trouxeste os punhais? Devem ficar lá. Leva-os de volta e lambuza de sangue os guarda-costas adormecidos.

MACBETH

Não voltarei mais lá. Tenho pavor de pensar no que fiz. Não me atrevo a olhar para ele de novo.

LADY MACBETH

Vontade fraca! Dá-me os punhais. Os que dormem e os mortos não passam de imagens, as crianças é que têm medo de demônios pintados. Se ele estiver sangrando, pintarei com o ouro de seu sangue as faces dos guarda-costas, pois é preciso que eles pareçam culpados. (*Sai. Batem no interior.*)

MACBETH

Onde estão batendo?... Que há comigo que qualquer ruído me apavora? Que mãos são estas? Ah! Estão arrancando meus olhos. Será o oceano interior do grande Netuno capaz de limpar este sangue de minhas mãos? Não! Seria mais fácil estas mãos mancharem os grandes mares transformando o verde em vermelho. (*Volta Lady M.*)

LADY MACBETH

Minhas mãos estão da cor das tuas, mas eu me envergonharia de ter um coração tão branco quanto o teu. (BATEM) Estão batendo na porta sul; vamos para o nosso quarto. Um pouco d'água nos devolverá a inocência, então será tudo tão fácil! Tua firmeza te abandonou. (*Batem.*) Ai! Continuam batendo. Veste tua roupa de dormir antes que sejamos chamados e vejam que passamos a noite em claro. Não deixes teus pensamentos te enfraquecerem tanto.

MACBETH

Seria melhor para mim não conhecer a mim mesmo do que saber o que fiz. (*Batem.*) Acorda Duncan com tuas batidas. Quem dera pudesse.

OTELLO, O MOURO DE VENEZA

QUARTO ATO – CENA II

OTELLO

Então, não viste nada?

EMÍLIA

Não vi nem suspeitei jamais.

OTELLO

Vistes sim. Vistes ela e Cassius juntos.

EMÍLIA

Mas não vi nada demais, mesmo ouvindo cada sílaba pronunciada entre eles.

OTELLO

Como? Não cochichavam nunca?

EMÍLIA

Nunca, meu senhor.

OTELLO

Estranho.

EMÍLIA

Meu senhor, eu me atrevo a apostar a minha alma como ela é honesta. Se pensais de maneira diferente, livrai-vos desse pensamento – ele insulta o vosso coração. Se algum miserável meteu essa ideia em vossa cabeça, que o céu lhe dê de volta a maldição da serpente. Se ela não é honesta, casta e fiel, não existe homem feliz e a mais pura das esposas do mundo é tão desprezível quanto a calúnia.

OTELLO

Dizei-lhe que venha aqui. Ide. (*Sai Emília.*) Ela falou bas-

tante – no entanto só uma alcoviteira estúpida não falaria assim. Trata-se de uma puta astuciosa, guardiã de infames segredos e, apesar disso, ajoelha-se e reza como já a vi fazer. (*Entra Desdêmona com Emília.*)

DESDÊMONA

O que desejais, meu senhor?

OTELLO

Vinde aqui, por favor, minha pombinha.

DESDÊMONA

O que desejais de mim?

OTELLO

Deixai-me ver vossos olhos, olhai bem para mim.

DESDÊMONA

Que capricho horrível é este?

OTELLO

Algo causado por vós mesma, senhora. (*Dirigindo-se a Emília.*) Deixai a sós os que desejam procriar e fechai a porta. Tossi ou fazei um som qualquer se chegar alguém. Vossos segredos, vossos segredos... Não ides? (*Sai Emília.*)

DESDÊMONA

De joelhos vos suplico, o que quereis dizer?

Percebo fúria em vossas palavras, mas não as compreendo.

OTELO

Bem, quem és tu?

DESDÊMOMA

Vossa esposa, meu senhor. Vossa fiel e leal esposa.

OTELO

Vamos, jura isso e condena a ti mesma. Para que tua aparência celestial não faça com que os próprios demônios tenham apossar-se de ti, condena-te duplamente. Jura que és honesta.

DESDÊMOMA

O céu sabe perfeitamente que é verdade.

OTELO

O céu sabe perfeitamente que és falsa como o inferno.

DESDÊMOMA

Falsa em relação a quem, meu senhor? E com quem? Como sou falsa?

OTELO

Ah, Desdêmona! Afasta-te! Afasta-te! Afasta-te!

DESDÊMOMA

Ai, dia infeliz!... por que chorais? Sou eu o motivo dessas lágrimas, meu senhor? Se, por acaso, suspeitais ser meu pai o responsável pela vossa volta a Veneza, não me culpeis a mim. Se perdestes a estima de meu pai, eu também a perdi.

OTELO

Mesmo que ao céu provesse pôr-me à prova com desgraças, mesmo que tivesse feito chover sobre a minha cabeça nua toda a sorte de males e vergonhas, mesmo que me tivesse afundado até os lábios na pobreza, mesmo que me tivesse reduzido ao cativeiro junto com as minhas últimas esperanças, eu ainda teria podido encontrar num canto da minha alma uma gota de paciência. Mas, ai, fazer de mim um alvo fixo que o escárnio do mundo aponta com o dedo!... Entretanto, até isso eu poderia suportar bem, muito bem. Mas, ser expulso do lugar onde guardei meu coração, onde devo viver ou morrer, a fonte de onde flui o rio da minha vida e sem a qual secará! Ser expulso ou aceitar vê-lo convertido numa cisterna onde sapos imundos acasalam-se e procriam!... Empalidece, paciência, jovem querubim de lábios cor de rosa... Isso mesmo, assume um aspecto sinistro como o inferno!

DESDÊMOMA

Espero que o meu nobre senhor me considere honesta.

OTELO

Oh, sim. Honestas como as moscas de verão no matadouro que começam a se reproduzir logo que nascem. Ó erva daninha, tão adorável e bela, e de perfume tão suave que tua presença é uma dor... Antes nunca tivesse nascido!

DESDÊMOMA

Ai de mim, que pecado terei cometido sem saber?

OTELO

Esse alvo pergaminho, esse livro tão sagrado terá sido feito para que nele se escrevesse a palavra “prostituta”? Que pecado terás cometido! Cometeu!... Ó mulher pública! Se eu respondesse à tua pergunta, transformaria meu rosto numa verdadeira fornalha que reduziria o pudor a cinzas... Que pecado cometeste! O céu tapa o nariz, e a lua fecha os olhos. O vento promíscuo que beija tudo o que encontra encolhe-se dentro de uma caverna para não ouvir... Que pecado cometeste!... Prostituta sem vergonha!

DESDÊMONA

Por Deus, vós me caluniais.

OTELO

Então, não és uma puta?

DESDÊMONA

Tão certo como sou cristã, não sou. Se me preservar para o meu senhor, livre de qualquer contato impuro e ilegítimo, é não ser prostituta, eu não sou.

OTELO

Como? Não sois uma prostituta?

DESDÊMONA

Não, pela salvação da minha alma!

OTELO

Será possível?

DESDÊMONA

Ó céus, perdoai-nos!

OTELO

Então eu imploro vosso perdão. Eu vos tomava por aquela astuciosa prostituta de Veneza que se casou com Otelo... Vós, senhora, que tendes o ofício oposto ao de São Pedro e guardais a porta do inferno! (*Entra Emília.*) Sim, vós aí, vós mesma, já terminamos. Tomais esse dinheiro pelo vosso trabalho. Peço-vos, trancai a porta e a boca. (*Sai.*)

EMÍLIA

Ai, que está imaginando esse homem? Como estais, senhora? Como vos sentis, minha boa senhora?

DESDÊMONA

Na verdade, como se estivesse sonhando.

EMÍLIA

Minha boa senhora, o que há com o meu senhor?

DESDÊMONA

Com quem?

EMÍLIA

Ora, com o meu senhor, senhora.

DESDÊMONA

Quem é o teu senhor?

EMÍLIA

Aquele que é o vosso, gentil senhora.

DESDÊMONA

Não tenho nenhum senhor. Não fales comigo, Emília. Não consigo chorar, e só com lágrimas poderia responder-te. Peço-te que esta noite faças a minha cama com os meus lençóis de casamento... Lembra-te...

EMÍLIA

As coisas aqui estão mesmo mudadas. (*Sai.*)

SONETO XVIII

Devo te comparar a um dia de verão?
Tua beleza é maior e mais equilibrada
Ventos fazem tremer os botões de maio
E o verão vem sempre de passagem
Às vezes o sol de verão é abrasador demais
E muitas vezes o seu brilho se esmaece
Tudo o que é belo perde a beleza
Por acaso ou pelas leis da natureza
Mas teu verão eterno nunca passará
Nem perderá jamais a formosura
Nunca andarás pelas sombras da morte
Tua beleza crescerá na eternidade
Enquanto os homens puderem respirar, e os olhos ver
Meu verso viverá e te fará viver.

AS YOU LIKE IT

QUINTO ATO – CENA IV EPÍLOGO

ROSALINDA

Não se costuma ver a heroína dizer o epílogo, mas não é mais feio do que ver o herói dizer o prólogo. Se é verdade que o bom vinho não precisa de propaganda, também é verdade que uma boa peça não precisa de epílogo. No entanto, boa propaganda é usada para bons vinhos e está provado que os bons epílogos melhoram as boas peças.

Em que situação fico eu, que não sou um bom epílogo nem posso insinuar-me convosco em favor de uma boa peça? Não estou vestido de mendigo, portanto não me ficaria bem mendigar. O meu único recurso é enfeitiçar-vos, e começarei com as mulheres. Ó mulheres, pelo amor que tendes pelos homens, eu vos ordeno que admireis nesta peça o que vos dá prazer. E eu vos ordeno, ó homens, pelo amor que sentis pelas mulheres – e percebo pelos vossos sorrisos que nenhum de vós as odeia – que entre elas e vós a peça acabe agradando a todos. Se eu fosse mulher, beijaria todos dentre vós que tivessem barbas que me agradassem, peles que me atraíssem e hálitos que me desafiassem.

E estou certo de que todos os que têm belas barbas, rostos atraentes e hálitos perfumados, em troca de meu bondoso oferecimento, aplaudirão quando eu lhes fizer a minha reverência.